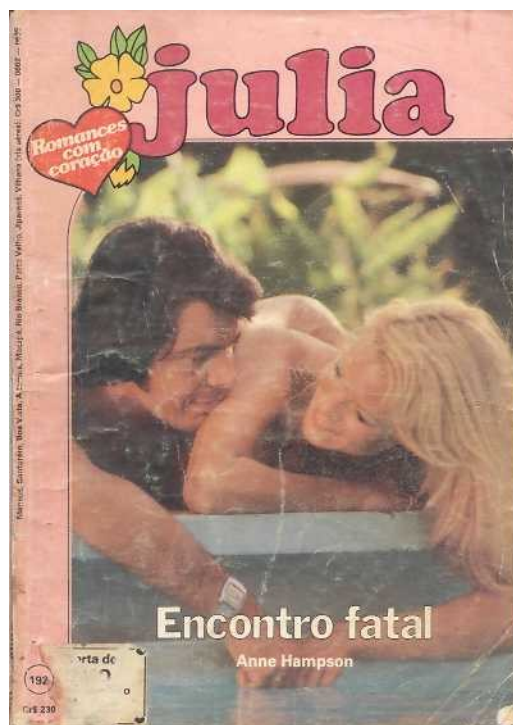


# Encontro fatal

“Isle of the Rainbows”  
Anne Hampson  
(1970)



Penny olhou a ilha de Dominica e mais uma vez ficou perturbada. E pensar que tinha chegado ali cheia de esperança, imaginando que passaria uns dias maravilhosos naquele lugar encantado... Max Redfern havia estragado todos os seus planos. Bastou conhecê-lo para odiá-lo profundamente e depois passar, com a mesma rapidez, do ódio ao amor. Mais tarde, já perdidamente apaixonada, Penny experimentou a dor da rejeição, pois Max insistia em ignorá-la. Haviam lhe avisado que ele era um solteirão convicto, um homem proibido para as mulheres. Mas o coração dela não ouviu o aviso e insistia em bater, descompassado, cada vez que se lembrava dos beijos ardentes que Max lhe dera uma única vez!

## CAPÍTULO I

Os primeiros sinais da terra surgiram devagar, se destacando na névoa levemente azulada. Penny se debruçou sobre a grade de ferro, observando o perfil das montanhas mais altas, que começavam a ganhar forma. O navio avançava com suavidade sobre as águas calmas do mar do Caribe.

— Lá está ela! A ilha dos antigos vulcões, das altas cachoeiras... Ilha dos coqueiros e palmeiras, onde cresce a exótica flor-da-lua!

Penny se virou e sorriu para o bonito rapaz que falava, encantado com a ilha que começava a se destacar no oceano, ao longe. Graham Price era um dos passageiros da pequena embarcação, misto de cargueiro e navio de passageiros, na qual Penny viajava junto de sua chefe. Graham era professor de matemática numa escola secundária em Dominica, e voltava para a ilha depois de passar a Páscoa com os pais, na Inglaterra. Na ida tinha viajado de avião, mas preferiu voltar num navio, pois adorava navegar.

— É tão excitante — Penny comentou. Aquela excitação devia ser muito mais pela proximidade do encontro com Max Redfern do que pela perspectiva de passar os próximos meses nas Índias Ocidentais, uma das regiões mais belas do mundo.

Fazia pouco tempo que o pai de Penny e a mãe de Max, Norah Redfern, chefe de Penny e que viajava com ela, haviam anunciado sua intenção de se casarem. Assim. Max logo se tornaria um irmão para ela. Penny sempre quis ter um irmão, fazer parte de uma família depois de viver sozinha com o pai nos últimos doze anos. Ela tinha acabado de completar oito anos quando a mãe faleceu.

Será que Max também ficaria entusiasmado por ganhar uma irmã?, ela pensou. Ele também era filho único!

— Veja aquelas listras amarelas no céu — Graham estava dizendo. — É por causa da umidade no ar!

As grandes listras eram estranhas e lindas, cruzavam por cima das montanhas altas, e se refletiam no oceano. Dominica era, às vezes, chamada de "Ilha dos Arco-íris", pois não era raro que sol e chuva ocorressem ao mesmo tempo, produzindo lindos espetáculos. Naquele momento, porém, o arco-íris só possuía uma cor, o amarelo, lá eram cinco da tarde e o sol se escondia quase completamente.

— É a umidade que produz essa névoa — Penny disse. — É sempre assim, Graham?

— Você está nos trópicos agora, não se esqueça disso! Nem sempre o tempo fica com esta névoa, apesar de que as montanhas mais altas estão constantemente encobertas por nuvens. Mas não se preocupe, Penny. Tenho certeza que não ficará desapontada com a ilha. — Ele se aproximou e tocou o braço dela. — Espero que também não se desespere com seu novo irmão.

Penny franziu a testa, pensando que nas raras ocasiões em que o nome de Max havia sido mencionado, Graham deu a impressão de não gostar dele. Entretanto, não desejava questioná-lo a respeito. Seria até uma certa falta de lealdade para com Max. E depois, é claro que ele devia ser uma boa pessoa... Afinal, a mãe dele tinha um caráter maravilhoso e fascinante!

— Max ainda não é meu irmão. Nossos pais somente se casarão quando papai se aposentar, o que ainda leva alguns meses.

Parecia que Graham ia dizer mais alguma coisa, mas subitamente mudou de assunto, diante do comentário de Penny.

— Nós não vamos perder contato quando esta viagem terminar, não é? — Seu olhar era francamente ansioso e Penny apressou-se em tranquilizá-lo.

— Claro que não, Graham!

— Eu só a conheço há nove dias mas... bem, gostaria que fossemos amigos, Penny, amigos de verdade.

— Sem dúvida seremos ótimos amigos — ela reafirmou com um sorriso, logo correspondido por Graham.

— Quero levá-la para conhecer os lugares bonitos da ilha, o que terá que ser feito nos fins de semana, pois aqui anoitece muito cedo. De qualquer maneira, durante a semana podemos sair para dançar, às vezes, ou jantar em algum restaurante agradável... Quem sabe você fica tão encarnada com Dominica que nunca mais queira ir embora!

Penny sorria de tudo aquilo. Já fazia um ano que trabalhava para Norah Redfern e tivera tempo suficiente para descobrir a inutilidade de se planejar as coisas, ao lado de uma mulher como ela!

— É difícil saber agora... — falou, enquanto voltava a fitar a ilha ao longe. Pesadas nuvens carregadas de água cobriam os picos mais altos, deslocando-se lentamente para o interior, onde as chuvas torrenciais alimentavam uma impenetrável floresta tropical. — Estou aqui a trabalho, Graham, e quando a Sra. Redfern decidir partir, eu naturalmente terei de acompanhá-la.

— Mas depois do casamento ela não poderá mais continuar o tempo todo indo de um lugar para o outro!

— Suas pesquisas exigem as viagens e é por isso que os dois estão esperando até que papai se aposente. Então, ele poderá vir conosco. — Penny meneou a cabeça, enfaticamente. — Não, Graham, pode estar certo que não ficarei em Dominica muito tempo!

— Suponho que não.... — ele suspirou. — Ei, você gosta mesmo deste trabalho? Não se importa de viajar tanto?

— Eu sabia que teria que ser assim, quando aceitei o cargo — Penny replicou, se lembrando do primeiro encontro com aquela que se tornaria sua chefe. Magra e de aparência frágil, cabelos brancos ressaltando os olhos azul-claros, a sra. Norah Redfern estava sentada na mesa de trabalho, uma pedra numa das mãos e uma lente de aumento na outra. Algum tempo se passou antes que percebesse a presença de Penny.

— Quem é você — ela perguntou com ar surpreso, quando finalmente levantou os olhos e notou a garota.

— Sou a srta. Davidson. Tinha marcado hora com a senhora.

— Sim, claro... Que estupidez a minha! Você deseja trabalhar comigo, não é? Leu meu anúncio no jornal... Faz tempo que já está aí de pé? Devia ter tossido ou algo assim, para que eu soubesse que estava aqui! Vamos, sente-se, querida!

— Bem, eu tentei lhe chamar a atenção — Penny começou a responder enquanto puxava uma cadeira para se sentar — ...mas a senhora estava tão absorvida no trabalho que não notou.

— Refere-se a este mineral? Sim, é uma pedra muito interessante. .. muito interessante. — A distraída senhora fitava a pedra em suas mãos. Depois de um momento, colocou-a sobre a mesa e concentrou a atenção em Penny. — E então, a senhorita alguma vez já trabalhou como assistente de pesquisas científicas?

— Não... mas tenho certeza que. . .

— Nunca? — A sra. Redfern franziu a testa. — Quais eram os outros requisitos que eu tinha pedido no anúncio do jornal...? Deixe-me ver. . . acho que tenho uma cópia por aqui... Não, não tenho! Devo tê-lo usado para embrulhar algumas pedras!

— Bem, a senhora dizia que desejava alguém que se interessasse por geologia... Eu fiz um curso de nível médio em geologia e leio bastante a respeito.

A senhora pareceu hesitar alguns instantes, um ar profundamente pensativo no rosto. Contudo, sua reflexão não durou muito tempo.

— Está bem, acho que você preenche todos os requisitos. . . É uma pena eu não ter o jornal aqui para comprovar! De qualquer maneira, parece uma garota esperta e tenho certeza que logo aprenderá tudo. Além do mais, é uma garota bonita também, e isso ajuda na inspiração para escrever, você compreende?

— Sim, compreendo — Penny mentiu, pois francamente não era capaz de imaginar que tipo de inspiração era necessária para escrever livros técnicos, de conteúdo científico.

— Acho que estamos acertadas, então! — Ela deu um suspiro de alívio e fitou Penny com aqueles olhos azuis desligados, mas que sem dúvida pertenciam a uma pessoa muito inteligente. — Você pode começar na próxima segunda-feira?

Sem esperar a resposta, Norah continuou explicando que logo estariam viajando para a França e para a Iugoslávia, fazendo pesquisa de campo. Mais tarde, iriam para as Índias Ocidentais.

— Grande parte do meu livro trata de locais de formação vulcânica, como é típico daquela região. Em Dominica poderemos unir o trabalho com o lazer, pois tenho um filho, Max, que mora na ilha. Ele possui plantações de bananas. Faremos de Dominica o nosso quartel-general. Viveremos na casa da fazenda; tenho certeza que você vai adorar!

Um ano mais tarde, Penny tinha apresentado seu pai à sra. Redfern e, para sua surpresa, eles imediatamente sentiram-se atraídos um pelo outro. Penny nunca imaginou que o pai viesse a se casar de novo. Mesmo que isso tivesse passado por sua cabeça, a sra. Redfern seria a última mulher pela qual ela acreditava que ele pudesse se interessar. Ela era ótima, sempre gentil e de bom humor. Contudo, era também a pessoa mais imprevisível e excêntrica que Penny conhecera na vida!

Também era surpreendente que a sra. Redfern tivesse escolhido seu pai. Ela era uma mulher muito rica, herdeira de grande fortuna do falecido marido. Além disso, tratava-se de uma autora famosa na área de geologia, seus livros eram usados em inúmeras universidades de todo o mundo.

O pai de Penny não era exatamente uma pessoa pobre, mas dependia do salário para viver. Em poucos meses se aposentaria e então passaria a ganhar bem menos. Entretanto, o dinheiro não parecia ter importância alguma na relação dos dois e Penny estava maravilhada com a perspectiva de seu pai ter uma companheira dali por diante. Ao mesmo tempo, ficava muito contente por saber que ganharia um irmão, coisa que nunca teve antes e sempre desejou secretamente.

— Quanto tempo vocês pretendem ficar na ilha? — Graham despertou-a das lembranças e Penny virou-se para ele, surpresa, pois tinha quase se esquecido dele.

— Bem, tudo depende da pesquisa. A sra. Redfern acredita que serão necessários pelo menos uns quatro ou cinco meses.

— E seu pai? Você disse que eles se casariam assim que ele se aposentasse...

— Sim, ele virá para cá assim que isto acontecer, e então eles se casarão.

— Quer dizer que talvez vocês fiquem mais tempo na ilha? — Graham perguntava com certa ansiedade na voz. — Tenho certeza que a sra. Redfern não pretende separar a família logo depois de ela finalmente se constituir, não é?

— Já estive pensando nisso... A pesquisa sobre vulcões é a última que resta a fazer e depois só fica faltando redigir o texto do livro, tarefa que pode ser cumprida em qualquer lugar. Se a sra. Redfern decidir trabalhar na ilha, então ficaremos pelo menos mais um ano.

Penny falava com uma expressão de esperança nos olhos, pois na verdade era o que desejava que acontecesse. Sabia que depois do casamento eles se tornariam uma família e, mesmo que vivessem distante, Max sempre lhe escreveria. Era certo também que os visitaria na Inglaterra de vez em quando. Claro que nunca seria a mesma coisa como se morassem juntos. Por isso Penny pretendia convencer a sra. Redfern da necessidade de permanecer em Dominica até que o livro estivesse terminado.

— Por mais um ano? Isso seria maravilhoso! — O entusiasmo na voz de Graham a deixava preocupada. Penny não queria que ele esperasse algo mais do que amizade da parte dela.

— Bem, ainda não tenho certeza de que a sra. Redfern concorda em ficar na ilha — Penny murmurou, enquanto fitava o céu, que começava a se tingir de lindas cores. — Não poderemos ver o pôr-do-sol... É uma pena!

— Estamos na face contrária da ilha — Graham explicou. — Nesse momento ele está se pondo do outro lado.

Enquanto conversavam, dois jovens recém-casados juntaram-se a eles, na amurada do navio. Felicity e Paul iam passar uns dias em Dominica, hospedados na casa do pai de Paul, que tinha negócios na ilha.

— Acho que vou encontrar a sra. Redfern e ver como ela está passando. — Penny desculpou-se e saiu deixando os três conhecidos no convés do navio. Depois de passar rapidamente por seu camarote, foi até o aposento da sra. Redfern.

— Ah, aí está você, querida! — A sra. Redfern estava sentada numa confortável poltrona e tinha nas mãos um mapa da ilha de Dominica. — Já nos aproximamos do porto?

— Sim, daqui a pouquinho estaremos com os pés na terra novamente!

— Vamos aportar em Robeau — a senhora disse, ainda olhando o mapa. Em seguida, ela se voltou para Penny com um olhar profundamente pensativo. — Penny, querida...

— Sim...?

— Eu... quer dizer... — ela hesitava, parecendo não saber exatamente como falar o que queria. — Bem, a respeito do meu casamento com seu pai. . .

— Sim...?

— Eu... eu gostaria que você não dissesse nada para Max, pelo menos por enquanto. . .

— Não falar nada? — Por alguma razão o coração de Penny começou a bater acelerado. — A senhora quer dizer então que ele ainda não sabe de nada? — Era muito estranho que a sra. Redfern não houvesse dito nada para o filho,

— Eu já devia ter contado, mas Max tem um jeito meio estranho às vezes! Você sabe como é, não? Em geral, os filhos não gostam muito da idéia de que a mãe se case de novo...

— Não compreendo! Eu fiquei muito contente quando soube que vocês pretendiam se casar e... sempre pensei que Max também ficaria! — Em nenhum momento tinha passado pela cabeça de Penny que ele fosse levantar alguma objeção ao casamento. Estava certa de que ele ficaria feliz pela sua mãe, assim como ela havia ficado pelo pai. — Mas logo teremos que contar-lhe... não seria justo manter segredo de uma coisa que também lhe diz respeito! Quando acha que poderemos fazer isso?

— Mais tarde, assim que uma boa oportunidade aparecer. — A sra. Redfern estava visivelmente embaraçada, e por um momento Penny sentiu receio que tivesse mudado de idéia.

— Você ainda gosta de papai, não é?

— Claro que sim, Penny! — ela falava com sinceridade. — Eu o amo e pretendo casar em breve. Mas só desejo que Max saiba disso na ocasião adequada.

Penny tinha que se contentar com aquilo, mas era difícil não se sentir frustrada. Afinal de contas, como seria possível assumir uma postura de irmã para irmão se Max não soubesse que aquele casamento iria se realizar?

— Há algo mais que gostaria de pedir-lhe, Penny... É necessário que você volte a me chamar de "sra. Redfern", caso contrário ele poderia suspeitar de alguma coisa. Peço que não se esqueça disso.

Penny concordou com a cabeça, sem entusiasmo. Já fazia algum tempo que tratava a chefe pelo primeiro nome, principalmente depois que a intenção do casamento fora anunciada. Aliás, tinha sido a própria sra. Redfern quem lhe pedira que a chamasse de Norah.

— Não precisa se preocupar... Farei tudo para não me esquecer disso! — Penny murmurou em voz baixa, saindo em seguida.

O sol já brilhava imensamente, inundando o quarto de luz, quando ela acordou. Pela janela, Penny olhou o imenso jardim da casa de fazenda de Max. Havia muitas árvores cheias de flores e frutos, que produziam sombras fresquinhas e acolhedoras. Pássaros e borboletas voavam pelas plantas, numa profusão de cores e movimento. Toda a natureza parecia saudar aquela manhã tropical, cheia de luz e calor. Nos grossos troncos das árvores estavam orquídeas de várias cores e toda sorte de flores e plantas exóticas.

Além dos limites do jardim começavam as plantações de bananas, que se estendiam até as montanhas. A fazenda era circundada por montes altos e escarpados, nos quais se podia divisar, aqui e ali, algumas quedas d'água, escondidas pelos coqueiros e bambus.

Ela não ia se desapontar, Graham havia dito, e certamente tinha toda a razão! Ninguém em sã consciência poderia ficar desapontado frente este paraíso tropical! Mas Graham também disse que ela não iria se desapontar com Max. . .

Penny suspirou e se afastou da janela, indo se preparar para encontrar os outros.

Meia hora depois já estava no jardim, onde o café da manhã foi servido numa linda mesinha branca, sob a sombra de uma árvore centenária. Max surgiu dali a instantes e, depois de informar que a mãe tomaria o café na cama, convidou Penny para sentar-se.

Começaram a tomar o café em silêncio, pois ele tinha uma carta. Como Max era diferente da imagem que tinha na cabeça!, Penny refletiu... Ela estava tão excitada pela perspectiva de conhecer o homem que dali por diante teria um papel importante em sua vida, já que se tomaria seu irmão... Quando soube da relutância da sra. Redfern em falar com Max a respeito do casamento, Penny achou que ela se preocupava sem necessidade, pois não seria possível que ele fizesse alguma objeção a um fato que traria tanta felicidade para a



própria mãe. Contudo, agora que já conhecia Max, não tinha tanta certeza disso!

Penny fitou-o de soslaio, observando-o enquanto lia a carta. Se o estivesse vendo pela primeira vez, diria que estava recebendo uma notícia muito desagradável, por causa da expressão de seu rosto. Contudo, ela já sabia que não era a carta a responsável por aquele ar duro e ríspido; era esse o jeito de Max, como teve oportunidade de perceber no momento em que se conheceram, no dia anterior. Suas sobrancelhas grossas e escuras, como os cabelos, contribuía para lhe dar aquele ar sério e até mesmo um pouco carrancudo. Certamente devia ter puxado ao pai, Penny pensou, pois a sra. Redfern era muito diferente. As linhas de seu rosto eram muito suaves e delicadas.

Max pôs de lado o papel e encarou Penny, com os olhos quase negros que davam a impressão de serem capazes de olhar direta-mente na alma de uma pessoa.

— Pelo que minha mãe me disse, vocês pretendem começar a trabalhar imediatamente. — Ao contrário do rosto, sua voz era grave e tinha alguma coisa que a tornava especialmente atraente.

— Sim, Norah... — Ela parou bruscamente, ao perceber que referia-se à sra. Redfern pelo primeiro nome. Não era possível que se traísse assim tão cedo! Penny esperou um pouco, com receio, desejando que por algum milagre ele não tivesse notado seu deslize. Era difícil saber, pois Max não parecia disposto a fazer nenhum comentário. — Bem, a sra. Redfern não me deu nenhuma instrução ainda, mas suponho que ela deseje começar a pesquisa o mais breve possível.

— O escritório, saia de trabalho ou seja lá como for que prefiram chamá-lo, ficará pronto ainda hoje. Como disse ontem à noite, Teresa estava doente e não pôde arrumá-lo antes. Reservei um aposento do outro lado da casa, que dá vista para o mar.

Teresa era a simpática criada que Penny encontrou no dia anterior e que a cumprimentou com um sorriso radiante, deixando à mostra dentes alvos e perfeitos. Era nativa da ilha e nada sabia a respeito dos gostos dos brancos, quando Max a contratou para tomar conta da casa. Mas agora, ele informara à mãe, Teresa valia o próprio peso em ouro! Seu marido, Matthew, também era um dos empregados da fazenda, e era uma pessoa de eficiência e lealdade admiráveis. Além de tomar conta do enorme jardim, ainda encontrava tempo para cultivar os vegetais e legumes que a casa precisava. Cuidava também de algumas colméias de abelhas, das quais extraía um mel excelente.

— Tenho certeza que será um ótimo lugar para trabalhar — Penny finalmente replicou, forçando-se a exibir um sorriso, Max a fitou em silêncio por alguns momentos, antes de perguntar com curiosidade:

— O que você acha de trabalhar para minha mãe, srta. Davidson? Penny espantou-se ao vê-lo chamá-la pelo sobrenome. Nunca pensou que teriam uma relação tão distante!

— Oh, eu gosto muito. O trabalho é bem interessante e a sra. Redfern é uma excelente chefe!

Mais uma vez ele nada disse de imediato. Parecia que tentava ler os pensamentos dela.

— Há quanto tempo trabalha para ela?

— Está fazendo um ano — Penny respondeu e, em seguida, desviou o olhar para um pequeno tufo de flores de uma parasita no tronco da árvore, onde um lindo beija-flor fazia acrobacias aéreas para sugar o pólen das delicadas flores.

— Um ano. . . Contudo, a atitude de minha mãe é muito diferente da que em geral se tem com uma secretária.

Deixando de lado o beija-flor, Penny voltou a olhar para ele. Dessa vez, era ela quem olhava com curiosidade.

— Não entendo o que quer dizer. . .

— A maneira como ela a tratou na noite passada. É como se tivesse um afeto muito profundo por você.

O que é absolutamente natural, Penny pensou, desde que a sra. Redfern em breve se tornaria sua mãe adotiva. Mas, isso não podia ser dito para Max.

— Sim, suponho que ela goste bastante de mim.

Max parecia calmo mas muito curioso, como se suspeitasse de que havia algo estranho no ar. Ele serviu-se de uma torrada, sem tirar os olhos de Penny.

— E, apesar de tudo, você é somente a secretária dela... Acho um pouco estranha tamanha afeição por parte de minha mãe! — Ele começou a passar manteiga na torrada, mas ainda não desviava os olhos de Penny. — Você disse há pouco que a considerava uma excelente chefe. Bem, será que não a considera um pouco generosa demais?

Penny sentiu que corava fortemente, enquanto os olhos de Max continuavam fixos nela, esperando uma resposta. Como tinha sido tola a ponto de imaginar que haveria camaradagem e amizade entre os dois desde o início...

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

